Os inimigos de Neemias em Ne 4,1-9

Nehemiah's Enemies in Ne 4,1-9

Resumo

O objetivo deste estudo é apresentar um breve comentário ao tema dos inimigos de Neemias, contrários à reconstrução da muralha de Jerusalém, a partir da análise exegetica de Ne 4,1-9. Ao que tudo indica, o tema dos adversários e algumas obras de restauração na cidade podem ser situados no período persa apenas de maneira incipiente. A construção da muralha e a nomeação de adversários específicos, contudo, corresponderiam ao período de expansão hasmoneia da Judeia, no final do séc. II aEC, especialmente à época dos enfrentamentos de João Hircano com seus vizinhos.

Palavras-chave: Sanballat, Tobias, árabes, amonitas, ashdoditas, muralhas, inimigos, hasmoneus.

Abstract

The purpose of this study is to give a brief comment on the theme of Nehemiah's enemies, contrary to the reconstruction of the wall of Jerusalem from the exegetical analysis of Ne 4: 1-9. Apparently, the subject of the adversaries and some restoration works in the city can be placed in the Persian period only incipiently. The construction of the wall and the appointment of specific adversaries, however, corresponded to the period of Judean Hasmonean expansion at the end of the second century BCE, especially at the time of John Hircanus' confrontations with his neighbors.

Keywords: Sanballat, Tobiah, Arabs, Ammonites, Ashdodites, wall, adversaries, Hasmonean period.

Introdução

O texto de Ne 4,1-9², tal como se apresenta no nível narrativo, situa a reconstrução da muralha de Jerusalém, destruída pelas invasões babilônicas do sexto século, no período persa, durante o governo de Neemias (445-430 a.E.C.). Samaritanos, amonitas, árabes e ashdoditas são elenca-

¹ Licenciada em Letras (Português-Literatura), mestra e doutoranda em Ciências da Religião – UMESP (bolsista CAPES). E-mail: cecilia.toseli@gmail.com

² Seguimos a numeração de capítulo e versículos do texto massorético.

dos como inimigos históricos, que fazem o possível para paralisar a obra. Neemias é visto como governante-modelo: mesmo na iminência de um ataque a Jerusalém, ele não esmorece, mantém-se confiante em seu Deus e organiza os trabalhadores por meio de estratégias militares de defesa. O desenvolvimento da trama segue um padrão semelhante ao da guerra santa (BLENKINSOPP, 1988, p. 247): por meio da ação de Neemias, mas, sobretudo, da oração e da intervenção do Senhor, “grande e temido” (Ne 4,8), o plano dos inimigos é frustrado e a obra continua até a sua conclusão.

A partir da análise exegética do texto bíblico e das contribuições da Arqueologia, surgem, porém, novas perspectivas sobre a realidade histórica por trás do relato dos inimigos nomeados de Neemias e da reconstrução da muralha de Jerusalém.

Por um lado, a reconstituição das fronteiras de Judá/Judeia nos períodos persa e helenístico (a partir do padrão de distribuição de selos impressos em Judá) e a história de assentamento na região indicam o contexto da expansão da Judeia nos dias de João Hircano como o melhor cenário histórico correspondente aos adversários específicos em Ne 4,1.

Por outro, a semelhança de nossa personagem com “Josué”, líder no processo de ocupação da Terra Prometida no retorno do Egito, conforme a historiografia deuteronomista, e os ecos entre o livro de Neemias e o Primeiro Livro de Macabeus abrem o potencial simbólico e polissêmico do texto de Ne 4,1-9. Dada a diversidade da população de Judá e os desafios da reconstrução do passado depois do trauma da destruição de Jerusalém, a intertextualidade narrativa proporciona caminhos de lembranças, esquecimentos, exclusões e renascimentos. Assim, Neemias tanto pode representar para alguns o novo Josué do muro-terra prometida, definindo quem são os “autênticos” *filhos de Israel* ou legitimando a expansão territorial hasmoneia, quanto, para outros, aquele que vem de fora, ameaçando seus interesses e suas vidas.

Delimitação

O texto de Ne 4,1-9 apresenta a oposição dos inimigos externos de Neemias à reconstrução da muralha de Jerusalém (v. 1.2.5), o cansaço e desânimo dos construtores diante de tanto trabalho a ser feito (v. 4) e a reação de Neemias às adversidades – confiança em “o Deus grande e temido” e organização militar de defesa na iminência de um ataque (v. 3.7.8).

Do ponto de vista temático, o confronto com os inimigos externos à reconstrução da muralha de Jerusalém aparece em outras partes da obra, como em Ne 2,10.19-20; 3,33-38 e 6,1-19. Numa visão de conjunto, podemos notar diferentes matizes em cada um desses textos. Vejamos.

Em Ne 2,1-10, somos informados sobre a decisão de Neemias de voltar a Judá e reconstruir as portas do templo e as muralhas da cidade,

com o consentimento do rei persa. Logo se apresenta a primeira oposição, constituída, neste caso, por “Sanballat, o horonita, e Tobias, o funcionário amonita”. O texto nos diz que eles ficaram muito irritados “À vinda de alguém para trabalhar em benefício dos filhos de Israel”³.

Em Ne 2,11-18, Neemias convida “judeus, sacerdotes, nobres, magistrados e outros responsáveis” a reconstruir as muralhas de Jerusalém, confiante na “mão benfazeja de Deus e nas palavras do rei”. O início da obra é marcado por coragem e entusiasmo, porém, novamente se levanta oposição (segunda oposição), protagonizada, desta vez, por “Sanballat, o horonita, Tobias, o funcionário amonita, e Gosem, o árabe”, e manifesta em desprezo e acusação (intimidadora) de rebelião contra o rei persa. A reação de Neemias é caracterizada por sua confiança no Deus do céu e pelo desdém, de sua parte, por aqueles que não fazem parte dos “filhos de Israel”. Assim diz o texto: “Nós, seus servos, vamos começar a construir. Quanto a vós, não tendes parte, nem direito, nem lembrança em Jerusalém” (2,19-20).

Em Ne 3,33-38, ocorre a terceira oposição à obra, após uma longa lista daqueles que trabalharam na reconstrução da muralha. Desta vez, os inimigos nomeados são Sanballat, com “seus irmãos e a aristocracia de Samaria” (o povo de Samaria é poupado?), e “Tobias, o amonita, que estava a seu lado”. O desprezo quanto à reutilização dos escombros como material para a reconstrução da muralha é visto como um tipo de guerra psicológica para desestabilizar Neemias e impedir o prosseguimento da obra (BLENKINSOPP, 1988, p. 250). A reação de Neemias se dá através de uma oração de imprecação. Chega-se à metade da reconstrução da muralha, e “o povo trabalhava de bom coração” (3,33-38).

Em Ne 4,1-9, apresenta-se pela quarta vez a oposição dos inimigos de Neemias. Além de Sanballat, Tobias e os árabes (sem nomeação de Gosem), acrescentam-se os amonitas e ashdoditas. Com a continuação da restauração da muralha, à guerra de palavras segue, agora, a conspiração para invadir Jerusalém de surpresa, matar os construtores e, assim, conseguir a paralisação da obra. Dada a notícia (boato?) do ataque iminente, Neemias reafirma a confiança em seu Deus, mas também organiza os trabalhadores estrategicamente, armando-os com espadas, lanças e arcos. O êxito da ação de Neemias é creditado a Deus, “que frustrou o plano deles”.

Finalmente, em Ne 6,1-19, informa-se que a obra foi concluída (em 52 dias). Não, porém, sem a quinta investida dos inimigos de Neemias: Sanballat, Tobias, Gosem, o árabe, e “nossos outros inimigos”. Eles lhe enviam um convite por carta para um encontro de reconciliação, quando, na verdade, a intenção era matar Neemias. Apesar de tantas tentativas de interrupção da reconstrução da muralha de Jerusalém, inclusive da parte de Noadias, a profetisa, e de outros profetas, conforme o relato, a obra é

³ Utilizamos a tradução da *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

concluída, e “todos os inimigos” e “todas as nações vizinhas” reconhecem que a muralha é uma grande maravilha, um trabalho realizado graças a Deus.

Após essa visão de conjunto, detemo-nos, a seguir, na delimitação específica de Ne 4,1-9. O limite em relação a Ne 3,33-38 se dá pelas seguintes razões, entre outras:

- a) A introdução da expressão “E aconteceu” abre nova unidade de sentido: na seção anterior aparecem como opositores somente Sanballat e Tobias, o amonita. Na seção em estudo, são acrescentados os árabes, amonitas e ashdoditas. Na seção anterior, informava-se que a construção atingira a metade do tamanho previsto e que o povo trabalhava com bom coração. Aqui, a obra continua (a outra metade) e os trabalhadores se sentem incapazes de continuar a reconstrução. Há, portanto, mudança de tempo, de personagens (do lado de Neemias, aparecem também os “judaítas”) e de disposição para o trabalho.
- b) Em 4,1, aparecem expressões únicas, tais como “subiu cura”, em referência à restauração das “muralhas”, e o próprio substantivo “muralhas”, que somente neste versículo aparece na forma plural.
- c) Altera-se o grau de intensidade da oposição: em 3,33-38, ironia e escárnio por meio de palavras; em 4,1-9, os inimigos tramam um ataque-surpresa.
- d) A reação de Neemias se altera: em 3,33, ele orou; em 4,1, além de confiar em Deus, ele organiza a defesa e arma os construtores.

O limite inferior do texto em estudo (Ne 4,1-9) no versículo 9 difere de autores que o compreendem como parte da perícope seguinte (Ne 4,10-17). Para Blenkinsopp (1988, p. 250-251), por exemplo, em Ne 4,9-17, há o mesmo padrão de respostas aos opositores observado em 4,1-8; neste caso, o v. 9 é visto como introdutório, informando sobre a oposição e o auxílio antecipado do deus temível. De fato, o v. 9 nos parece um versículo de transição. Porém, optamos por compreendê-lo como versículo conclusivo da seção de Ne 4,1-9 devido aos seguintes motivos:

- a) Do ponto de vista do desenvolvimento do relato, o v. 9 funciona como o desfecho para o ardil apresentado em 4,1-8; afinal, o leitor é informado precisamente no v. 9 de que a conspiração de um ataque iminente não se concretizou: Neemias toma conhecimento do plano, Deus frustra os opositores e a obra continua.
- b) No v. 10, o uso da expressão adverbial hebraica equivalente à tradução “a partir desse dia”, juntamente com o uso da conjunção *vav*, que pode ser lida em sentido adversativo como “mas”, “porém”, indica nítida mudança de direção da trama: em 4,1-9,

trabalhava-se desarmado; em 4,10, devido aos acontecimentos relatados na seção anterior, trabalhar-se-á sempre armado.

- c) Muda-se o foco da atenção: antes, o foco estava sobre os inimigos e seus ardis; em 4,10-17, a ênfase recai nas medidas defensivas de Neemias, destacando-se que ele mesmo “sequer trocava de roupa – sempre com sua arma na mão direita” (v. 17). Ou seja, no versículo conclusivo dessa seção (v. 17), sobressai a figura de Neemias. No versículo conclusivo de nosso texto de estudo (v. 9), sobressai a figura de Deus, autor a quem deve ser conferido o crédito da ação exitosa.

Assim, optamos pela leitura do v. 9 como versículo conclusivo da seção anterior, assumindo a delimitação do texto em estudo em Ne 4,1-9. Podemos perceber que, no texto de Ne 4,1-9, há um acirramento da oposição dos inimigos externos: eles “ocupam” as quatro fronteiras de Jerusalém/Judá e tramam um ataque-surpresa, enquanto, internamente, cresce o processo de militarização na defesa da cidade.

Estrutura

Observando a dinâmica do texto, especialmente a alternância entre vozes/personagens, apresentamos a seguinte estrutura para Ne 4,1-9:

- v. 1: introdução
- v. 2: inimigos
- v. 3-4: Neemias e seu grupo
- v. 5: inimigos
- v. 6-8: Neemias e seu grupo
- v. 9: conclusão

A alternância entre as vozes sugere um padrão (paralelístico) de resposta à oposição, com acirramento do conflito, que se assemelha ao padrão de guerra santa (BLENKINSOPP, 1988, p. 247): conspiração dos inimigos (v. 2.5); invocação do auxílio de Deus (v. 3); precariedade dos recursos humanos (v. 4); revelação dos planos dos inimigos (v. 6); formação de linhas de batalha de acordo com a tradição do direito tribal antigo (v. 7); exortação a não temer, pois Deus lutará por eles (v. 8); finalmente, a frustração dos planos dos inimigos e atribuição do crédito da vitória ao Deus temível (v. 9). O padrão é particularmente claro no Deuterônomo, mas segue um pouco diferente no Cronista (BLENKINSOPP, 1988, p. 247).

No v. 1, introduz-se o tema do relato, que é a oposição à reconstrução da muralha de Jerusalém por Neemias, e logo é sinalizado o acirramento do conflito, seja pelo uso da expressão “muito inflamados” para falar do descontentamento dos inimigos, seja porque a oposição vem de todos os lados: Sanballat ao Norte, Tobias e os amonitas a Leste, os árabes ao Sul e os ashoditas a Oeste (BLENKINSOPP, 1988, p. 247s).

No v. 2, apresenta-se o plano conjunto dos inimigos de invadir e gerar “confusão” dentro de Jerusalém. Portanto, o progresso da obra, já pela metade (3,38), é acompanhado pela intensificação da oposição.

Nos v. 3-4, apresenta-se a reação de Neemias à ameaça, combinando oração e estratégia militar, seguida por uma crise interna em Judá, quando os trabalhadores, desanimados e sem forças, sentem-se incapazes de dar continuidade à obra visto o quanto ainda falta para concluir a restauração.

No v. 5, volta-se à conspiração dos inimigos: um ataque-surpresa a Jerusalém garantiria a morte de todos e determinaria, definitivamente, a paralisação da obra da muralha.

Nos v. 6-8, dá-se a revelação do plano dos inimigos, o que favorecerá o grupo de Neemias: os judaítas que viviam entre os inimigos (em Samaria ou Judá?) advertem Neemias sobre o ataque iminente (v. 6); Neemias responde, então, organizando o povo por grupos de famílias, armando-os, estabelecendo-os em lugares estratégicos e exortando-os a lutarem pelos seus (v. 7-8). Do ponto de vista do desenvolvimento da narrativa, estes versículos constituem o clímax a partir do qual se dá a inversão da trama.

No v. 9, tem-se a conclusão: a frustração dos planos conspiratórios dos inimigos e, conseqüentemente, a continuação da obra de restauração da muralha de Jerusalém.

A dinâmica de apresentação do texto em forma paralelística ressalta a concomitância entre a crescente hostilidade dos vizinhos de Judá, por um lado, e, por outro, a crescente militarização na defesa da cidade, com legitimação divina. A seguir, procuraremos perceber o fio condutor que unifica o texto.

Coesão

O texto de Ne 4,1-9 apresenta-se como um relato coeso em torno do tema dos adversários à reconstrução da muralha de Jerusalém. Este tema se desenvolve a partir de oposições externas e internas a Neemias, articulando-se a trama segundo o padrão de relato de guerra santa: conspiração, pedido de socorro, reversão, reconhecimento... Deste modo, a disparidade de forças entre os agentes externos (“inimigos”) e os recursos internos de Judá leva ao pedido de auxílio ao Deus que luta por seu povo e lhe assegura a vitória; o desfecho implica também o reconhecimento unânime (“de todos os inimigos” e “de todas as nações vizinhas”, Ne 6,16) de que o mérito da vitória deve ser atribuído a Deus.

O tema dos adversários à reconstrução da muralha de Jerusalém no texto de Ne 4,1-9 desenvolve-se como um relato com início, meio e fim. No v. 1, a introdução: apresentação dos inimigos (nomeados) e o motivo do (acirramento) do conflito – a continuação das obras de restauração do muro. No v. 2, a conspiração dos inimigos para entrar em Jerusalém para lutar e fazer confusão. Nos v. 3-4, as reações de Neemias e dos ju-

daítas diante da ameaça externa: enquanto Neemias clama pelo auxílio de Deus e monta vigilância, Judá vê construtores exauridos, desanimados e incapazes de continuar o trabalho. No v. 5, volta-se aos inimigos. A intensificação da ameaça é feita através do uso do discurso direto e do uso consecutivo de cinco formas verbais: “não conhecerão”, “não verão”, “entremos”, “matemos” e “façamos parar”. Tudo leva a crer que a intenção dos inimigos é a paralisação imediata e definitiva da obra. Nos v. 6-8, atinge-se o clímax do relato, com a reviravolta que garantirá a vitória a Neemias e seus apoiadores: o plano dos inimigos é revelado pelos judaítas, e Neemias organiza a defesa. No v. 8, em simetria antitética com o v. 5, é Neemias quem age com rapidez e determinação: discurso direto, frases verbais curtas (“e vi”, “e levantei”, “e disse”, “não temam”, “lembrem”, “e lutem”), exortação à luta pela família (com uso do modo verbal imperativo) e escolha dos atributos “grande e temível” para Deus aceleram o ritmo do relato e aumentam a dramaticidade. No v. 9, a conclusão apresenta o desfecho da trama: o plano dos inimigos é frustrado e o grupo de Neemias dá prosseguimento à obra de reconstrução do muro.

Além da coesão temática, diversos elementos gramaticais asseguram a unidade do relato de Ne 4,1-9.

O relato como um todo é costurado pela conjunção *vav*, que inicia todos os versículos.

A locução verbal de nuance temporal “E aconteceu como que” se repete na introdução, no clímax e no desfecho, versículos 1, 6 e 9, respectivamente. O mesmo pode ser dito sobre a raiz hebraica do verbo “ouvir”: no v. 1, a forma verbal “ouviu” ocorre na terceira pessoa gramatical do singular masculino; no v. 9, na terceira pessoa gramatical do plural masculino, “ouviram”. No v. 6, embora não apareça explicitamente o verbo “ouvir”, pode ser subentendido que os judaítas que viviam entre os inimigos tomaram conhecimento, souberam ou “ouviram” o boato sobre a conspiração, e informaram a Neemias.

A referência aos opositores externos também ocorre no início, no meio e no fim do relato. No v. 1, eles são nomeados: Sanballat, Tobias, os árabes, os amonitas e os ashdoditas; no v. 5, o termo “inimigos”; no v. 6, eles são aqueles que sobem de todos os lugares; e, no v. 9, eles são os “adversários”.

Os opositores também estão presentes através do uso de pronomes e sufixos pronominais: no v. 2, o sujeito da conspiração (“amarraram” [eles]; “cada um deles”) são os inimigos citados no v. 1; no v. 3, a vigilância é para se proteger de “eles”; também no v. 3 aparece a expressão “faces deles”, que se repete no v. 8, ambas as referências são aos inimigos; no v. 9, a frustração do plano “deles”.

O verbo “subiu” no v. 1 refere-se à restauração da muralha; no v. 6, ele indica a iminência da chegada dos adversários “de dentro de todos

os lugares que subiríeis para nós”; no v. 9, “e subimos todos nós para a muralha”.

A raiz hebraica do substantivo traduzido por “muralha” ocorre no v. 1, única vez na forma do plural, e nos v. 4, 7 e 9, na forma do singular. Referência à muralha também pode ser subentendida no uso do vocábulo “obra”, v. 5 e 9.

O vocabulário referente à guerra também é notório, conforme a tradução: “lutar”, no v. 2 e 8; “guarda”, no v. 3; “matemos”, no v. 5; “subir sobre [=contra] nós”, no v. 6; a busca por localização estratégica de defesa atrás da muralha, a disposição em linhas de batalha por famílias e as “espadas”, “lanças” e “arcos”, no v. 7; os atributos de Deus em “o grande” e “o que é temido”, no v. 8; assim como os já referidos termos relacionados a inimigos.

Por esses e outros elementos que poderiam ser apontados, entendemos que o texto de Ne 4,1-9 pode ser lido como uma unidade coesa. O fio condutor é a construção da muralha, cujo enredo, em nosso texto, ressalta o acirramento do conflito entre o grupo de Neemias e inimigos específicos nos quatro lados das fronteiras de Jerusalém.

A seguir, apresentaremos um breve comentário de Ne 4,1-9 a partir do tema dos inimigos de Neemias, procurando relacionar os resultados da exegese bíblica com dados de pesquisas arqueológicas recentes. No campo da Arqueologia, tomamos por base as contribuições de Israel Finkelstein⁴ e, na exegese, o comentário de Joseph Blenkinsopp.

Comentário

O texto de Ne 4,1-9 destaca o tema o tema dos inimigos externos de Neemias e, ligado a este, o tema da reconstrução da muralha de Jerusalém.

De acordo com Finkelstein, Koch e Lipschits, o relato da construção da muralha de Neemias nas Memórias de Neemias, sem referência a lugares específicos ou aos seis portões, estaria ligado provavelmente a obras de restauração empreendidas na antiga fortificação da cidade no pequeno monte da Idade do Ferro localizada no Monte do Templo; este seria o lugar do principal assentamento de Jerusalém nos períodos persa e helenístico antigo, onde foram encontrados vários conjuntos de cerâmica e selos impressos espalhados. Tais achados, contudo, parecem indicar que mesmo este assentamento relativamente restrito era pequeno e subpovoado, com uma área de cerca de 2 a 2,5 hectares. A descrição detalhada dos construtores da muralha em Ne 3 representaria, dizem os autores acima, uma inserção textual relacionada às fortificações de Jerusalém do período helenístico tardio. Lipschits, no mesmo artigo, ressalta que a descrição dos seis portões nos versos de Ne 3 é singular em sua maneira de construir

⁴ Especialmente, FINKELSTEIN, 2018, p. 71-82, que é uma coletânea de artigos anteriores do autor, com revisão e acréscimos, além de apresentar preciosa bibliografia complementar.

a estrutura da sentença e a ordem frasal e na escolha dos verbos, diferindo da fórmula usual empregada para descrever a construção do muro (FINKELSTEIN; KOCH; LIPSCHITS, 2011, p. 13; cf. LIPSCHITS, 2012, p. 97-99; FINKELSTEIN, 2018, p. 71-72; 2009, p. 11).

Quanto ao tema dos inimigos de Neemias, note-se que eles são citados genericamente em Ne 4,2.5.9 e 6,16, mas aparecem nomeados em Ne 4,1 e em 2,10.19; 3,33-36; 6,1-14.17-19. Em Ne 4,1, Neemias aparece cercado em Jerusalém por inimigos dos quatro lados: Sanballat ao Norte, Tobias e os amonitas a Leste, os árabes ao Sul e Sudeste e os ashdoditas a Oeste (BLENKINSOPP, 1988, p. 247). Considerando a interpretação arqueológica (acima) de que Jerusalém seria pequena e empobrecida no período persa, como entender que possuísse uma imponente muralha e representasse ameaça para todos os seus vizinhos àquela época?

Para lidar com essa questão, apresentaremos, a seguir, primeiro, referências aos adversários citados em Ne 4,1 em documentos extra bíblicos dos períodos persa e helenístico, a fim de depreender se pertencem ao relato antigo das Memórias de Neemias. Depois, tendo presente a procedência geográfica dos adversários em Ne 4,1, apresentaremos a proposta de Finkelstein de reconstituição das fronteiras de Judá/Judeia nos períodos persa e helenístico e sua história de ocupação (FINKELSTEIN, 2018, p. 75-82), a fim de depreender em que época Jerusalém poderia ter sido uma cidade fortificada com muralhas imponentes e representar uma ameaça aos interesses de samaritanos, amonitas, árabes e ashdoditas.

Os inimigos externos segundo o relato

a) Sanballat, o horonita

O nome “Sanballat” aparece nos papiros de Elefantina como referência ao governador de Samaria em 408 aEC; aparece duas vezes nos papiros de Wadi ed-Daliyeh (século IV aEC) como o pai de dois governadores de Samaria nas últimas décadas do governo persa; e em Josefo (A.J. 11.302-325) como um governador de Samaria nos dias de Dario III (336/5-331). Josefo também informa que a filha de Sanballat teria se casado com Manassés, irmão do sumo sacerdote Jaddua, e que Manassés se tornou o primeiro sumo sacerdote do templo construído por Sanballat no Monte Garizim. Blenkinsopp sugere que o Sanballat de Neemias foi o primeiro na linha de governadores de Samaria, possivelmente descendente de uma família assentada no Norte pelos assírios no séc. VIII aEC (2Rs 17,24; BLENKINSOPP, 1988, p. 216-217). Finkelstein propõe que a designação “o horonita” (2,10.19; 13,8) se refere a Bet-Horon, no noroeste de Jerusalém (FINKELSTEIN, 2018, p. 73). Embora “Sanballat” seja um nome babilônico, que significa “o deus Sin deu vida” (*sin-uballit*), ele provavelmente cultuava Javé, pois, de acordo com uma das cartas de Elefantina, os nomes de seus filhos, Delaiah e Shemaiah, apresentam o elemento teofórico *-iah*.

Enfim, parece que a família Sanballat manteve o controle sobre Samaria por pelo menos um século, durante o qual suas ligações com a família do sumo sacerdote em Jerusalém permaneceram próximas (BLENKINSOPP, 1988, p. 216-217).

Nesta altura, surge uma pergunta a propósito da autonomia de Jerusalém enquanto província independente ou, ao contrário, região subjugada à província de Samaria no período persa. Por um lado, de acordo com Esd 4,23-24, as autoridades samaritanas detêm o controle temporário da província de Judá. Além disso, contatos influentes em Jerusalém (Ne 6,10-14) e o casamento da filha de Sanballat dentro da família do sumo sacerdote jerusalemita (Ne 13,28) teriam ajudado a consolidar a posição hegemônica de Samaria. Por outro, a carta de Elefantina nos informa que, em 408 aEC, dois dos filhos de Sanballat estavam envolvidos em assuntos públicos. Porém, informa também que, àquela época, Samaria e Judá eram províncias separadas, cada uma com seu próprio governador (BLENKINSOPP, 1988, p. 216-217). Deste modo, a partir de evidências textuais bíblicas e extra bíblicas, podemos considerar que Jerusalém era uma província independente pelo menos a partir dos anos 408 aEC.

b) Tobias, o amonita

“Amonita” pode ser referência à origem de uma pessoa, ou a seu posto como um alto oficial em Amon (FINKELSTEIN, 2018, p. 74). Um Tobias é mencionado no papiro de Zenão da metade do séc. III aEC como uma figura proeminente entre os amonitas. Josefo (A. J. 12.160-236; cf. 2Mc 3,11; 1Mc 5,13) conta a história da família de Tobias no final do séc. III aEC e início do séc. II aEC. Os textos de Jr 40,11.14; 41,10.15; 49,2 apresentam ligação entre um Tobias e colonos judaítas entre amonitas. Neemias 13,7 associa Tobias com o sumo sacerdote Eliashib de Jerusalém. Em Ne 13,1, os amonitas aparecem excluídos da congregação de Israel para sempre. Essa família de judeus aristocratas amonitas (2,10.19; 3,35; 4,1; 6,1.12.14) estava relacionada ao sumo sacerdote em Jerusalém e à nobreza da Judeia (6,17-19; 13,4) e era favorável à cultura helenística, o que a tornava adversária dos Macabeus (BLENKINSOPP, 1988, p. 216-217).

Quanto ao *status* político de Amon sob os persas não é claro; pode ter sido uma província separada na satrapia Abar-nahara, ou vinculada à província de Samaria, em oposição a Neemias (3,35). Para Blenkinsopp (1988, p. 217; 247), o mais provável é que Tobias tenha sido governador da região amonita, como Sanballat foi de Samaria e Gosem da região Quedarita.

c) Gosem, o árabe

Os árabes, incluindo os edomitas da província da Idumeia, estavam no Sul e Sudeste. O líder Gosem (2,19; 6,1-2) ou Gashmu (6,6) não é

mencionado em Ne 4,1-9, mas esse nome aparece na dedicatória de uma tigela de prata do período persa em Tell el-Maskhuta, perto de Ismailia no Baixo Egito. O nome do doador, inscrito na tigela, é “Caim filho de Gashmu, rei de Quedar”. Esse nome também ocorre em uma inscrição lihianita de Al-Ula (cerca de 110 km de Temã) que se refere a “Jasm filho de Sahr e ‘Abd, governador de Dedan” por volta dos anos 200 (FINKELSTEIN, 2018, p. 75). Os quedaritas norte-arábicos, mencionados frequentemente em textos bíblicos (Gn 25,13; Is 21,16-17; 42,11; 60,7; Jr 2,10; 49,28-33; Ez 27,21; 1Cr 1,29), são também conhecidos nos registros assírios como *Qidri*. Eles foram submetidos pelos babilônios (Jr 49,28) e apoiaram os persas, ajudando Cambises (530-522) durante a invasão do Egito. Por isso, ao que parece, a Arábia não era parte da satrapia. Ela desfrutava de privilégios especiais no início dos Aquemênides. Parece que, por volta do séc. V aEC, os quedaritas ocuparam uma grande área do planalto transjordânico até o delta do Nilo (BLENKINSOPP, 1988, p. 225).

d) Ashdoditas

Ashdod, no Oeste (13,23-24), é uma das cidades filisteias da Pentápolis conquistadas pelo império neoassírio, cujo nome deu origem à província assíria de Asdudu após a campanha de Senaqueribe de 711 aEC (BLENKINSOPP, 1988, p. 247). A cidade foi devastada pela expansão babilônica por volta dos anos 604 aEC. No período persa, de acordo com a informação de Ne 4,1, os ashdoditas se opuseram à reconstrução da muralha de Jerusalém; em Ne 13,23s, é dito que judaitas se casavam com ashdoditas e falavam “a língua de Ashdod”. No período macabaico, 1Mc 5,68 informa sobre o saque de Ashdod por Judas Macabeu e, em 1Mc 10,84; 11,4, sobre o incêndio provocado por Jônatas (McKENZIE, 1983, p. 99).

Assim, podemos notar que três adversários nomeados no livro de Neemias aparecem em textos extra bíblicos dos períodos persa e helenístico: Sanballat, Tobias e Gosem. Contudo, tal informação não é suficiente para afirmar que Jerusalém era grande o suficiente a ponto de representar uma ameaça a qualquer um desses inimigos, muito menos a uma ação conjunta, conforme o relato de Ne 4,1-9 (FINKELSTEIN, 2018, p. 76). Curiosamente, a descrição dos inimigos nos quatro lados das fronteiras em Ne 4,1 (BLENKINSOPP, 1988, p. 225-226) se assemelha a 1Macabeus, que foi composto, provavelmente, à época de João Hircano (por exemplo, Ne 6,2 e 1Mc 12,38.13,13). O livro, repetidamente, se refere aos inimigos ao redor da Judeia (1Mc 1,11), em Samaria (3,10); na Idumeia (4,29.61; 5,3; 6,31; 13,20) e no Neguev (5,65); em Amon (5,6.9.13); e na terra da Filisteia (3,24.41; 4,22; 5,66-68), com ênfase especial no papel de Ashdod nos conflitos com os Macabeus (4,15; 5,68; 10,78-84; 11,4; 14,34; 16,10). Por outro lado, 2 Macabeus, composto quase meio século antes, não faz referência a conflitos com vizinhos da Judeia (FINKELSTEIN, 2018, p. 79).

Além de inimigos externos, o texto bíblico informa que Neemias tinha de lidar também com divisões internas em Judá, uma vez que ele não teria o apoio unânime da população (BLENKINSOPP, 1988, p. 225).

Divisões internas em Judá

De acordo com o relato de Neemias, houve oposição interna contra a restauração da muralha de Jerusalém. O núcleo desta oposição consistiria naqueles de nobreza hereditária, funcionários públicos e sacerdotes que eram aliados de Sanballat e Tobias, por casamento ou por interesses comuns (Ne 6,17-19; 13,4-9.28). Uma reforma social e religiosa certamente ameaçaria suas posições⁵ (Ne 5,6-13; 13,10-11.17). Também há indícios de falta de apoio no Sul da província (Ne 3,5, os nobres de Técu), provavelmente por conta de ligações comerciais com Gosem e os árabes quedaritas (BLENKINSOPP, 1988, p. 225).

Por outro lado, Neemias parece ter tido o apoio principalmente do grupo representado pela delegação de Susa (Ne 1,2-3), identificada com os *y^hudim* ou judaítas da golá, mencionados em Ne 2,16; 4,6 e 5,1, cuja influência deve ter crescido durante a administração de Neemias; e também o apoio de seus parentes (Ne 5,14; 7,2) e de seus “servos” (Ne 4,10.17; 5,10.16). Neste sentido, as medidas sociais de Neemias podem ter sido um meio de obter apoio popular. Os interesses econômicos da aristocracia sacerdotal e as ligações familiares com estrangeiros talvez fossem um motivo para buscar apoio entre os levitas. Entre os grupos proféticos, fala-se tanto de apoio quanto de oposição (Ne 6,7.10-14) (BLENKINSOPP, 1988, p. 225).

Por fim, o texto bíblico também informa que Neemias rejeitou qualquer ajuda de fora para construir o templo (Esd 4,1-5//Ne 2,19-20), à semelhança da figura de Zorobabel, estabelecendo-se, deste modo, um vínculo direto entre os construtores do muro e aqueles que seriam considerados os “filhos de Israel” (Ne 2,10). Em Ne 2,20, os termos usados para negar a participação na obra são retirados do direito consuetudinário, diz Blenkinsopp. Continua o autor: a negação de um “compartilhamento” (*heleq*) corresponde a uma fórmula tradicional de dissociação política (cf. 2Sm 20,1; 1Rs 12,16), enquanto “reivindicação/alegação” (*s^hdaqah*) representa o direito legal de exercer a jurisdição. O terceiro termo, literalmente, “memorial, lembrança” (*zikkarôn*), pode aludir ao direito de participar no culto de Jerusalém (cf. Js 4,7; Zc 6,14). A participação no culto comunitário também conferia *status* civil. Portanto, a declaração de Ne 2,19-20 corresponde, na verdade, a uma declaração de independência da província (BLENKIN-

⁵ Sobre a reorganização social das províncias assírias e a ascensão de novas elites locais após a deportação dos grupos anteriormente dominantes, a partir das perspectivas dos estudos culturais, ver o Seminário Interdisciplinar: The Assyria-Levant Experience: Postcolonial Perspectives. Revista publicada pelo Instituto de Estudos Semíticos do College de France, 2017 (*Semitica* 60: Dossiê Assíria, 2017).

SOPP, 1988, p. 225), e de exclusão daqueles que não seriam considerados “filhos de Israel” (2,10), isto é, Sanballat, Tobias e Gosem (2,19). Assim, Neemias parece representar, simbolicamente, um novo Josué: este, após a saída do Egito, ocupa e distribui as *terras prometidas* entre o *povo de Israel*; aquele, de volta do exílio, ao admitir aqueles que participarão (ou não) da reconstrução da *muralha* (nova promessa?), determina quem fará parte dos *filhos de Israel*.

A oposição interna à reconstrução da muralha de Jerusalém sugere, segundo o relato de Neemias, que a vinda de um grupo de fora, com autorização imperial, alterou o cenário local e regional das relações sociais, econômicas e políticas, gerando tensões e conflitos, inclusive com implicações jurídicas – afinal, como vimos, a participação na construção da muralha estava ligada, no nível narrativo, ao pertencimento ao “novo” povo de Israel.

Reconstituindo as fronteiras de Judá

Baseando-se no padrão de distribuição das impressões de selo em Judá⁶ e em informação textual relativa ao início do período helenístico, Finkelstein conclui que o território da província de Judá no período persa corresponderia principalmente à área de Jerusalém e Ramat Rahel, estendendo-se talvez até Jericó e En-Gedi a Leste, a Bet-zur no Sul e Masfa no Norte. Sua população não seria muito maior do que cerca de 10.000 pessoas⁷. Esse pequeno território, com população depauperada, não representaria uma ameaça a seus vizinhos. Sobre o período ptolomaico, o autor considera que as fronteiras da Judeia do séc. III aEC foram similares às daquelas da Judá persa. E, na primeira metade do séc. II aEC, a principal mudança teria sido a expansão da Judeia em direção à Shefelá mais alta, e o crescimento da população para cerca de 40.000 pessoas. Tudo indica que o território da Judeia nesse período não era tão diferente daquele dos períodos persa e ptolomaico (FINKELSTEIN, 2018, p. 76; p. 51-70).

Para Finkelstein, a grande mudança iniciou nos anos 140 aEC, quando a dinastia hasmoneia começou a se expandir em todas as direções. Jônatas (160-143 aEC) parece ter conquistado as três toparquias no Norte – Lod, Efraim e Ramathaim (1Mc 11,34) – e a área de Ecron (1Mc 10,89), além de ter anexado a Pereia judaica na Transjordânia, que fazia fronteira com os Amonitas. Simão (143-134 aEC) teria conquistado Gezer e Joppe

⁶ Sobre selos impressos, ver: VANDERHOOFT, David S.; LIPSCHITS, O. A New Typology of the Yehud Stamp Impressions, *Tel Aviv* 34, 2007, p. 12-37; LIPSCHITS, O. *The Fall and Rise of Jerusalem: Judah under Babylonian Rule*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005, p. 154-184; LIPSCHITS, O.; VANDERHOOFT, D. S. *The Yehud Stamp Impressions: A Corpus of Inscribed Impressions from the Persian and Hellenistic Periods in Judah*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2011.

⁷ Para outras estimativas, ver resumo em LIPSCHITS, O. Demographic Changes in Judah Between the Seventh and the Fifth Centuries BCE. In: LIPSCHITS, O; BLENKINSOPP, Joseph (ed.). *Judah and the Judeans in the New-Babylonian Period*, Winona Lake: Eisenbrauns, 2003, p. 364.

(1Mc 13,43.48; 14,5). A população da Judeia naquele tempo pode ser estimada em cerca de 100.000 habitantes.

Nos dias de João Hircano (134-104 aEC), contudo, a Judeia se expandiu ainda mais com a conquista de Mádaba na Transjordânia, a tomada e destruição de Siquém e do templo samaritano do Monte Garizim, e a conquista da Idumeia e de Maresha. No final do governo de João Hircano ocorreu a conquista de Samaria, e possivelmente do Vale de Jezrael.

Assim, de acordo com Finkelstein, a realidade histórica por trás da tensão entre Jerusalém e seus quatro vizinhos em Ne 4,1-9 – samaritanos, amonitas, árabes e ashdoditas – corresponderia ao período de expansão hasmoneia, especialmente nos dias de João Hircano, antes da conquista de Samaria. A nomeação de adversários específicos em Ne 4,1, portanto, não pertenceria ao relato mais antigo nas Memórias de Neemias.

Considerações finais

A partir da análise exegética de Ne 4,1-9 e das contribuições da Arqueologia em relação a Judá no período persa, buscamos compreender a realidade histórica por trás do tema dos inimigos externos de Neemias e, ligado a este, do tema da reconstrução da muralha de Jerusalém.

Embora documentos extra bíblicos do período persa tardio e helenístico antigo mencionem os nomes de três dos adversários de Neemias – Sanballat, Tobias e Gosem, além da referência aos ashdoditas em Ne 4,1, concordamos com Finkelstein que os inimigos específicos não pertenceriam ao núcleo mais antigo das Memórias de Neemias. Eles representariam possíveis rivais históricos somente na segunda metade do séc. II aEC, quando a dinastia hasmoneia se expandia em todas as direções e passava a representar, de fato, uma ameaça a seus vizinhos. No relato de Neemias, os adversários nomeados representariam os quatro lados das fronteiras da Judeia: Sanballat representaria a Samaria no Norte; os Tobíadas simbolizariam Amon no Leste; os árabes representariam a população do deserto além da Idumeia, no Sul; e os ashdoditas, a população na planície costeira, fronteira com Gezer e Ecron hasmoneias (FINKELSTEIN, 2018, p. 81).

Neste sentido, o tema dos inimigos de Neemias pode ser ambientado no período persa apenas de maneira incipiente. Provavelmente, houve divergências e disputas entre os diversos grupos locais e grupos vindos de fora (representados por Neemias e a golá), resultando em reorganização local e regional das relações sociais, econômicas e políticas em Judá/Judeia. A proposta de Finkelstein e outros é que as obras da muralha de Neemias no período persa corresponderiam a trabalhos de restauração de fortificações da cidade do período do Ferro II na área de um pequeno monte original no Monte do Templo, e a outras possíveis construções ao longo do processo de repovoamento e expansão da cidade até a construção da grande muralha à época hasmoneia.

Do ponto de vista da exegese, a nomeação de adversários específicos em Ne 4,1, a investida conjunta do ataque-surpresa e a crescente militarização empreendida por Neemias, a construção da figura do governante-modelo, tão afinada com as personagens principais do Primeiro Livro de Macabeus, e a semelhança com a personagem “Josué”, juntamente com o padrão narrativo de guerra santa, tudo parece se encaixar no contexto de fortalecimento da dinastia hasmoneia, quando cresce a necessidade de reconstrução do passado, de fortalecimento da identidade coletiva e de legitimação do projeto expansionista do final do séc. II aEC. Uma memória cujas origens (incipientes!) foram ambientadas nos dias de Neemias... mas que constituiria realidade principalmente nos dias de João Hircano...

Referências

- BLINKINSOPP, Joseph. *Ezra-Nehemiah: A Commentary*. Philadelphia, The Westminster Press, 1988, p. 216-218 e 245-253.
- FINKELSTEIN, Israel. Persian Period Jerusalem and Yehud: A Rejoinder, *Journal of Hebrew Scripture* 9, 2009, p. 1-13.
- FINKELSTEIN, I.; KOCH, Ido; LIPSCHITS, Oded. The Mound on the Mount: A Possible Solution to the ‘Problem with Jerusalem’. In: *Journal of Hebrew Scripture* 11, 2011, p. 1-24.
- FINKELSTEIN, I. *Hasmonean Realities Behind Ezra, Nehemiah, and Chronicles*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2018, p. 51-70 e 71-82.
- LIPSCHITS, Oded. Nehemiah 3: Sources, Composition, and Purpose. In: KALIMI, Isaac (ed.). *New Perspectives on Ezra-Nehemiah*. History and Historiography, Text, Literature, and Interpretation. Winona Lake, Indiana. Eisenbrauns, 2012, p. 73-99.
- McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 99.